



Onde o tempo toca o Corpo: memórias que desenham o território

Antonio Pimentel Sequeira Junior, Fernanda Ester Sánchez García, Thaissa dos Santos Martins, Rafael Alves Corradi, Marina Annes Duarte, Andressa Pereira Maia, Aline Saraiva Leão Lima

Antonio Pimentel SEQUEIRA JUNIOR

Universidade Federal Fluminense - PPGAU-UFF, Programa de Pós Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo
antoniopimentel@id.uff.br

Fernanda Ester SÁNCHEZ GARCÍA

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo, Grandes Projetos Urbanos
fsanchez@id.uff.br

Thaissa dos Santos MARTINS

Universidade Federal Fluminense - PPGAU-UFF, Programa de Pós Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo
martinss.thaissa@gmail.com

Rafael Alves CORRADI

Universidade Federal Fluminense - PPGAU-UFF, Programa de Pós Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo
rafael.corradi91@gmail.com

Marina Annes DUARTE

Universidade Federal Fluminense - PPGAU-UFF, Programa de Pós Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo;
marinaannesduarte@gmail.com

Andressa Pereira MAIA

Universidade Federal Fluminense - PPGAU-UFF, Programa de Pós Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo;
andressapereiramaia@id.uff.br

Aline Saraiva Leão LIMA

Universidade Federal Fluminense - PPGAU-UFF, Programa de Pós Graduação da Escola de Arquitetura e Urbanismo;
saraiva.line@outlook.com

SEQUEIRA JUNIOR, Antonio Pimentel; SÁNCHEZ GARCÍA, Fernanda Ester; MARTINS, Thaissa dos Santos; CORRADI, Rafael Alves; DUARTE, Marina Annes; MAIA, Andressa Pereira; LIMA, Aline Saraiva Leão. Onde o tempo toca o Corpo: memórias que desenham o território. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, e 707, jun. 2026

data de submissão: 20/04/2026

data de aceite: 01/06/2026

DOI: 10.51924/revthesis.2026.v11.707

Contribuição de autoria: Concepção; Redação - revisão e edição: SEQUEIRA JUNIOR, A. P.; SÁNCHEZ GARCÍA, F. E.; MARTINS, T. S.; CORRADI, R. A.; DUARTE, M. A.; MAIA, A. P.; LIMA, A. S. L. Curadoria de dados; Redação - rascunho original: MARTINS, T. S.; MAIA, A. P.; LIMA, A. S. L. Redação - rascunho original: SEQUEIRA JUNIOR, A. P.; SÁNCHEZ GARCÍA, F. E. Metodologia: SEQUEIRA JUNIOR, A. P.; SÁNCHEZ GARCÍA, F. E.; CORRADI, R. A.; DUARTE, M. A. Validação: SEQUEIRA JUNIOR, A. P. Supervisão: SÁNCHEZ GARCÍA, F. E.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: CNE FAPERJ.

Uso de I.A.: Os autores certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do texto.

Editores responsáveis: Isis Pitanga e Rodrigo Scheeren

Adentrar o universo complexo e multifacetado, que entrelaça tempo, afeto e território, e problematizá-lo de forma consistente são desafios que indagam diretamente as possibilidades de construção do conhecimento, como também da própria construção da cidade. A proposta traz os resultados de um exercício de método, para refletir sobre os territórios que nos atravessam enquanto sujeitos coletivos. O cruzamento das memórias de sete pessoas nos permitiu reflexões gráficas e teóricas, a partir dos encontros e desencontros. Das ruas de Brás de Pina, Pirambu, Petrópolis, Pirassununga, aos cheiros que remetem às casas e aos lugares que já foram morada. A contação de histórias de família, as fotografias, objetos e gestos que transmitem conhecimentos ancestrais e nos ajudam a pensar em como o rito oral reafirma identidades de passado, presente e futuro. Situar as corporeidades e territorialidades através da consciência dos processos de planejamento urbano desiguais tensionam “histórias do tempo presente” (Almeida; Fonseca, 2021).

Revisitar memórias individuais, possibilita identificar territorialidades que afloram na oralidade, passadas como um rito para manter os modos e as práticas de vida. Partir de imensos e profundos mundos, por vezes mantidos opacos e submersos, possibilita potencializá-los enquanto grafagens de pertencimento e transformação, de **re-existência** territorializada (Porto-Gonçalves, 2006). Quando em confluência, os objetos e artefatos se tornam ferramentas do tempo e espaço que constituem uma carto-grafagem (Santos, 2011) coletiva capaz de multiplicar narrativas e evitar o perigo de uma história única (Adichie, 2019).

Para revisita dessas memórias foi feito um exercício de carto-grafia, entendido não como representação fixa, mas como traçado em movimento. Cada trajetória, ao acionar seus próprios fragmentos — imagens, cadernos, vestígios materiais — mobilizou seu corpo como **corpo-tela** (Martins, 2022), onde memórias individuais e ou dos seus coletivos familiares se projetam, se reconfiguram e se tornam narráveis. Essa dinâmica foi feita em uma roda de partilha, onde os objetos foram colocados sobre uma mesa. Utiliza-se da oralidade como fio condutor, permitindo que os relatos se entrelaçassem em gestos-fio que conectam deslocamentos e pertencimentos.

Nesse processo, os movimentos emergiram como trama coletiva, constituída por aproximações e lacunas,

onde distintas territorialidades puderam se reconhecer, tensionar e expandir umas às outras. Assim, a atividade nos deslocou a noção de memória de uma dimensão meramente espacial para um campo relacional territorializado. O método constrói temáticas distintas, que nos permite observar as experiências pessoais ou de coletivos familiares, mas nunca únicas, entre os nossos e aqueles que nos esbarram ao longo da vida. A oficina nos faz olhar para os **movimentos**, os **afetos**, as materialidades e as subjetividades expostas pelas **sinestesias** do encontro. **Confluências** (Bispo, 2015) que provocam conversas entre os sujeitos das grafagens e seus respectivos corpos-tela.

Bordados, colagens, janelas amarelas que descortinam uma vila de pescadores açorianos onde reencontramos nossos ancestrais. Territorialidades são transportadas nas formas de cozinhar: ajustes necessários para os novos territórios e vínculos familiares ficam grafados em um caderno de receitas. Álbuns de casamento que refundam laços socioeconômicos de uma família com a sociedade a partir de relações inter-raciais complexas. Crianças em tardes de verão, brincando com os primos, remetem aos ciclos da vida e às transformações territoriais. Casas e viagens da infância, memórias encontradas no barro que escorrem pelas mãos quando brincava de casinha no terreiro de café da vó. Das histórias não ditas que nos encontramos através dos aromas e das viagens. O território que nunca nos deixa entre os recomeços e retornos. Dos fragmentos pessoais às memórias em fissuras. A chuva, a estrada que se torna rio e a seca do rio que se torna estrada. O trânsito, a expulsão e às resistências são histórias sobrepostas pela cidade idealizada.

Por acreditar-se na potência do método de cartografar, que as perspectivas futuras desse grupo de pesquisa, pretendem se desdobrar na organização de encontros de memórias em um colégio público da Gamboa-RJ. Área majoritariamente negra da cidade do Rio de Janeiro e, historicamente, conhecida como Pequena África¹. Tempo histórico perspectivado que, potencialmente, evocará os ancestrais que ocuparam o Morro da Favela, hoje Providência. Os **gestos-fios** (Ribeiro, 2005) que conduzem histórias familiares, problematizam existências e sugerem formulações e fabulações de sujeitos coletivos ao entrelaçar **tempo, afeto e território**, mirando na manutenção das futuras gerações com seu território, a partir de seus passados.

¹ Pequena África é a toponímia de uma área no Rio de Janeiro que abrange diversos bairros, entre eles o Centro e o Porto, a qual representa valiosa herança histórico-cultural da diáspora africana no Brasil, marcado por expressões culturais e religiosas, como o samba, o carnaval, a culinária, o candomblé e a umbanda. Uma região que passou por diversos processos de branqueamento territorial (Santos, 2009) ao longo dos séculos e, mais recentemente, por meio da Operação urbana Porto Maravilha.



Figura 1
Memórias que desenham o território 1.
Fonte: Colagem dos autores, 2026.



Figura 4
Afetos.
Fonte: Colagem dos autores, 2026.



Figura 5
Memórias que desenham o território 2.
Fonte: Colagem dos autores, 2026.

Referências bibliográficas:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Juniele R.; FONSECA, Vivian L. História oral: dimensões públicas no tempo presente. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 34, p. 445-449, 2021.

MARTINS, Leda M. Performances do tempo espiralar: poéticas de um corpo-tela. Cobogó, 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A globalização da natureza e a natureza da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIBEIRO, A. C. T. Sociabilidade hoje: leitura da experiência urbana. Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 45, set./dez. 2005.

SANTOS, R. E. Rediscutindo o ensino da Geografia: temas da Lei 10.639. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

SANTOS, R. E. dos. Ativismos cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. Revista Geográfica da América Central – Costa Rica, 2011. p. 1-17.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INC-TI/UnB, v. 89, 2015.